

Educomunicação e o método da cartografia: educomunicação como metodologia de pesquisa

Taisa Maria Laviani da Silva

Mestre Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João del-Rei e Cientista Social pela FFC – Campus de Marília/UNESP. Membro do Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação da UFSJ (GEPEducomufsj)

E-mail: taisalaviani@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5410-759X>.

Filomena Maria Avelina Bomfim

Prof. do curso de Comunicação Social e do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, da UFSJ. Pós-Doutora em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, pela USP. Líder do GEPEducomufsj.

E-mail: fmabomfim@ufsj.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8168-9967>.

José Rodrigues de Alvarenga Filho

Prof. do curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Pós-Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense.

E-mail: joserodrigues@ufsj.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6145-8491>.

Resumo: O presente artigo explora a interseção metodológica entre a educomunicação e o método da cartografia, a partir de oficinas de criação de zines realizadas com mulheres em situação prisional. A cartografia, empregada como método interventivo, priorizou vivências e relações no território de pesquisa. Conclui-se que a união metodológica entre a educomunicação e o método cartográfico tem potencial transformador, promovendo ecossistemas comunicativos e avanços no conhecimento coletivo, além de soluções para desafios contemporâneos na pesquisa acadêmica e social. Ademais, contribuiu para o reconhecimento da educomunicação enquanto metodologia de pesquisa.

Palavras-chaves: metodologia de pesquisa; educomunicação; método da cartografia; fanzine; mulheres em situação prisional.

Abstract: This article explores the methodological intersection between educommunication and the cartographic method through research conducted in zine-creation workshops with incarcerated women. Cartography, used as an intervention method, prioritized experiences and relationships in the research territory. It is concluded that the methodological union between educommunication and the cartographic method has transformative potential, promoting communicative ecosystems and advances in collective knowledge, in addition to solutions to contemporary challenges in academic and social research. Furthermore, it contributed to the recognition of educommunication as a research methodology.

Keywords: research methodology; educommunication; cartographic method; fanzine; women imprisonment.

Recebido: 07/05/2025

Aprovado: 07/11/2025

1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca ampliar a reflexão sobre o caráter metodológico da educomunicação, explorando seu potencial enquanto metodologia de pesquisa e suas intersecções com o método da cartografia. O trabalho tem como base a dissertação intitulada “Ofizines entre muros: uma prática educomunicativa na APAC Feminina de São João del-Rei”, desenvolvida por Taisa Silva (2023) e sob orientação da professora Dra. Filomena Bomfim no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

A dissertação analisou as oficinas de criação de *zines* realizadas com mulheres em situação prisional, destacando a ação educomunicativa como metodologia de pesquisa. Durante o processo, percebeu-se que os movimentos articulados pelas pistas do método cartográfico (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016)¹ dialogam com os fundamentos relacionais da educomunicação, resultando em um potencial teórico, prático e metodológico. Tanto a cartografia quanto a educomunicação compartilham características como a participação, inclusão e intervenção, fortalecendo os ecossistemas comunicativos nos processos investigativos.

Embora o paradigma clássico do método científico tenha contribuído historicamente para a consolidação da ciência moderna, sua estrutura rígida não sustentaria a natureza processual e relacional da pesquisa aqui apresentada. A experiência metodológica — atravessada pela educomunicação e pela cartografia — exigiu abertura à imprevisibilidade e à singularidade das vivências que emergem do território. O método cartográfico incentiva a participação ativa do pesquisador e a escuta sensível, permitindo acompanhar o ecossistema de relações e produções simbólicas que se configuram no próprio ato investigativo. Do mesmo modo, a educomunicação enquanto prática dialógica e contra-hegemônica, tensiona os parâmetros tradicionais de neutralidade e universalidade ao valorizar o conhecimento produzido coletivamente. Assim, o processo investigativo descrito neste artigo evidencia que metodologias abertas e intervencionistas são mais adequadas para pesquisas que buscam acompanhar a complexidade dos processos vividos e que se constroem na inter-relação entre sujeitos, territórios e experiências.

Este texto — estruturado em quatro seções — apresenta inicialmente o conceito de educomunicação desenvolvido na pesquisa de Silva (2023). Em seguida, aborda a perspectiva do método da cartografia e sua aplicação. A terceira parte descreve a prática das *ofizines*, onde esses campos metodológicos se encontram. Por fim, as considerações finais avaliam a relação entre educomunicação e cartografia, com reflexões sobre as contribuições metodológicas dessa interseção e com o avanço teórico e prático da educomunicação como metodologia de pesquisa.

1 As “pistas do método cartográfico” foram sistematizadas em duas obras organizadas por Passos, Kastrup e colaboradoras, publicadas pela editora Sulina em 2009 (vol. 1) e 2016 (vol. 2).

2. EDUCOMUNICAÇÃO

A construção conceitual da educomunicação foi elaborada com base nas reflexões de Rosane Rosa (2014; 2020) Sátira Machado (2016), Donizete Soares (2006) e Ismar de Oliveira Soares (2000; 2002), que dialogam profundamente com o pensamento de Paulo Freire (1976; 1983; 1987). Esses autores destacam a natureza propositiva, intervenciva e dialógica da educomunicação, cuja ênfase está na promoção de relações comunicativas que incentivam a autonomia dos sujeitos.

Segundo Donizete Soares (2006, p. 1), a educomunicação constitui “um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social”, centrada em processos dialógicos. Essa perspectiva compreende a comunicação não como transmissão, mas como construção coletiva de discursos. Na visão de Ismar Soares (2002), a educomunicação organiza-se como um “campo de mediações”, o qual é estruturado de maneira relacional e transdisciplinar, promovendo ecossistemas comunicativos que ampliam as possibilidades de expressão e aprendizado.

Rosane Rosa (2014) tece uma reflexão teórico-metodológica, na qual concebe a educomunicação como uma área capaz de disparar processos de educação e comunicação emancipatórios, que podem fortalecer a resistência nas periferias do mundo e expandir a experiência democrática. Além disso, como observa Sátira Machado (2016), ela atua como estratégia para romper a “lógica monocultural” (Santos, 2006), que silencia determinadas culturas.

Coerente com essa perspectiva pragmática, dialógica, intervenciva e emancipatória de fazer ciência de forma contra-hegemônica, a Educomunicação, no rastro de Freire, tem como objetivo que os sujeitos, de forma crítica, exercitem o direito de aprender a ler, de pronunciar e de editar e reeditar o próprio mundo formatado pela mídia e pelas outras instituições sociais (Rosa, 2020, p. 25).

A práxis educativa também se alinha à gestão comunicativa dialógica, valorizando a colaboração e o respeito às singularidades. Como lembra Freire (1987, p. 51), “como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?”. Essa visão dialógica fundamenta-se em relações não hierárquicas, criando espaços para a emancipação e o rompimento da “cultura do silêncio” (Freire, 1976).

A educomunicação é compreendida como “um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes”, constituindo-se “justamente das relações múltiplas que propicia” (Soares, 2006, p. 4). Carrega objetivos, conteúdos e metodologias divergentes de ideias tradicionais propostas pela racionalidade técnica e instrumental. Na esteira desses pensadores, podemos compreender a educomunicação como um campo emancipatório e contra-hegemônico de pesquisa, de reflexão e de intervenção, que traz a possibilidade de explorarmos diferentes caminhos no fazer da pesquisa intervenciva. Ou seja, a educomunicação é assimilada não somente como campo do conhecimento, mas também como processo metodológico-dialógico, pois focaliza os sujeitos e sua organização comunicativa no contexto das experiências vividas.

O fazer pesquisa na perspectiva da educomunicação invoca a palavra que surge do diálogo — a palavra dita em conjunto — e coloca o pesquisador para habitar não somente um campo de pesquisa, mas também um ecossistema comunicativo. Como elucida Freire (1987, p. 50):

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.

Nessa direção, a dissertação de Silva (2023) examinou o caráter educomunicativo das oficinas de criação de *zines*, apresentando o zine como uma ferramenta educomunicativa capaz de proporcionar espaços para a livre expressão e o compartilhamento de histórias, sentimentos e posicionamentos. Em especial para as mulheres em situação prisional, os *zines* abriram a possibilidade de expressarem suas angústias, dificuldades, sonhos e outras questões que podem contribuir para a formulação de políticas públicas que garantam sua dignidade. A vivência educomunicativa — proporcionada pelas *ofizines* — também incentivou as participantes a criarem histórias e reinventarem suas identidades enquanto compartilhavam experiências de vida e processos de aprendizagem, fortalecendo vínculos afetivos entre elas e com a pesquisadora/educomunicadora.

3. MÉTODO DA CARTOGRAFIA

A pesquisa “Ofizines entre muros: uma prática educomunicativa na APAC Feminina de São João del-Rei” investigou a premissa de que as oficinas de *zines* enquanto práticas educomunicativas propiciavam o exercício da autonomia com mulheres em situação prisional, por meio da troca e da criação de narrativas. Para isso, apoiou-se no método da cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016) como inspiração para criar em nível de pesquisa e intervenção, seguindo pistas propostas pelo próprio método e elencadas conforme as necessidades surgidas durante o processo de investigação.

O método da cartografia propõe o acompanhamento de processos em curso, priorizando a vivência e o envolvimento do pesquisador. Diferentemente de abordagens que buscam representar objetos de estudo, a cartografia enfatiza a participação ativa e a criação conjunta do conhecimento. A pesquisa de Silva (2023) utilizou esse método para investigar as *ofizines*, caracterizando-as como territórios existenciais que emergem das relações entre os participantes.

Alguns princípios fundamentais da cartografia foram elencados para acompanhar e analisar o desenvolvimento da pesquisa:

1) *A cartografia como método de pesquisa-intervenção* (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) constituiu a principal estratégia metodológica para a investigação da prática educomunicativa proposta, na qual as pessoas participantes não ficam

restritas à posição de objeto, mas são reconhecidas como sujeito, mantendo ativa a interação pesquisador-grupo. A pesquisa, enquanto intervenção, “faz emergir realidades que não estavam “dadas”, à espera de uma observação” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 175);

2) *A habitação do território* permitiu o acompanhamento das práticas educomunicativas das *ofizines*, pois se atém ao plano da processualidade sem preeterminar a totalidade dos procedimentos metodológicos a serem utilizados, possibilitando que o caminho da pesquisa fosse construído a cada encontro e a partir da habitação do território. Conforme o método da cartografia, a ideia de território não está ligada apenas ao sentido geográfico, mas também à criação de territórios existenciais. Portanto, o território se dá nas relações que o constitui, se configurando um território coletivo de pesquisa, a partir da participação dos envolvidos (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). A habitação do território de pesquisa levanta a reflexão sobre o funcionamento da atenção do pesquisador, a qual caracteriza-se por uma concentração sem focalização e aberta para o acolhimento do inesperado. A pesquisa cartográfica implica uma “atenção à espreita” capaz de “desativar ou inibir a atenção seletiva, que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo”, evitando tanto o relaxamento passivo quanto a rigidez controlada; tanto o subjetivismo quanto o objetivismo (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 48). Assim, torna-se possível acessar elementos oriundos do território habitado que indicam uma processualidade em curso. Nessa investigação, os polos diluem-se e a relação entre subjetividade e objetividade é o fator de seleção dos dados colhidos para análise;

3) “*Colheita de dados*” é o termo utilizado pelo método da cartografia, devido à inversão metodológica e ao caráter intervencional proposto pela mesma, onde faz-se necessário rearranjar os sentidos atribuídos aos procedimentos metodológicos (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016). O termo “colheita de dados” — ao invés do comumente utilizado “coleta de dados” — visa “afirmar o caráter mais de produção do que de representação do mundo conhecido”, visto que a pesquisa cartográfica “não só descreve, mas, sobretudo, acompanha processos de produção da realidade investigada” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 210). Na pesquisa cartográfica, “colhem-se dados porque se cultiva a realidade no ato de conhecê-la” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 210). Em conformidade com essa perspectiva, a pesquisa de Silva (2023) usou como instrumentos de colheita de dados a observação participante e os meios de registro — como gravações, transcrições e diário de bordo —, além dos *zines* criados pelas participantes durante as oficinas.

Sobre os métodos elencados para a colheita de dados, a observação participante é compreendida enquanto “um compromisso de aprender fazendo, semelhante ao do aprendiz” (Ingold, 2015, p. 13), a partir de uma perspectiva construtivista do conhecimento que busca se estabelecer “com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas” (Ingold, 2015, p. 13), bem como ajuda a empreender uma construção dialógica de saberes. Os registros seguem o que sugerem as pistas da cartografia, onde “o trabalho da pesquisa deve ser sempre

acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado, mas também do processo mesmo do pesquisar” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 172). Foram utilizados registros dos encontros e das vivências educomunicativas como técnica para análise processual, complementando o ato de restituição do processo de pesquisa. Assim, a observação participante — combinada com registros como diários de campo e produções artísticas — permitiu captar a complexidade dos territórios investigados;

4) “*Análise de processos*” é o termo apresentado nas pistas do método da cartografia e corresponde ao acompanhamento de processos — já que a análise em cartografia também está na ordem processual —, preocupando-se menos em estabelecer um distanciamento do objeto e mais em evidenciar o plano da experiência coletiva (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016).

A análise de processos depende de um recuo em relação ao caráter “*dado*” do sentido em uma pesquisa, como se ele fosse evidente ou necessário. A análise de processos coloca-se ao lado da experiência, o que é bem diferente de afirmar que ela se apoia em uma evidência. Ora, afirmar que a experiência nos põe diante do que é evidente apenas denunciaria a irrelevância da própria análise (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 198).

Na etapa de análise realizada por Silva (2023) são levantados os dados colhidos a partir das intervenções através das *ofizines* — indícios da realidade vivida e servem para problematizar a configuração do território de pesquisa habitado —, que são: as falas; as narrativas registradas; os zines produzidos; a relação com a instituição, entre outros. Tais acontecimentos singulares — fragmentos de uma realidade em movimento — se conectam e permitem cartografar o território e seu modo de funcionamento, considerando os objetivos da pesquisa em questão.

5) “Cartografar é conectar afetos que nos surpreendem” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 63); é a pista que contribui ao elencar e problematizar os indícios da realidade pesquisada, denominados por Silva (2023, p. 84) de “indícios problematizadores”. Esses indícios representam a atenção do pesquisador-cartógrafo provocada por algo que lhe afeta dentro do território de análise, que é constituído pelas *ofizines* realizadas na Unidade Feminina da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de São João del-Rei, com as mulheres em situação prisional. Contudo, ao efetuar a análise dos indícios na pesquisa cartográfica, “não se espera tecer uma explicação para o acontecimento”, mas “restituir ao dado seu caráter de acontecimento” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 196) e interrogar as dinâmicas de funcionamento do território. “O que move a análise em cartografia, portanto, são problemas” (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 177) e a cada indício são traçadas a imersão no processo e a emersão do coletivo de forças (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), assim como os efeitos produzidos pela intervenção proposta.

Os pontos de encontro entre a cartografia e a metodologia educomunicativa permitiram um processo investigativo e analítico mais dialógico, baseado na experiência e na diluição da hierarquia entre pesquisador e objeto de pesquisa.

Da mesma maneira, contribuiu para a articulação de um ecossistema comunicativo, que favoreceu as condições de expressão das pessoas e potencializou as ações de uma pesquisa-intervenção. A consolidação de um ecossistema comunicativo reafirma — dentro da metodologia educativa — a abertura para a possibilidade de diversificação e de descentralização do saber e indica — assim como o método da cartografia — uma inversão metodológica juntamente com a ênfase no acompanhamento processual. Logo, os ecossistemas comunicativos configuram um espaço fora da lógica bancária e monocultural, contribuindo tanto com a consolidação de uma metodologia educativa quanto com o viés adotado pelo método da cartografia, favorecendo a dialogicidade, as interações, a habitação do território de pesquisa e a consideração de diferentes narrativas e saberes.

4. OFIZINES: ESPAÇOS DE INTERSECÇÃO METODOLÓGICA

Como dito por Celina Muniz (2010, p. 16), “os fanzines atuam como elos de laços sociais e veiculam afetos e estéticas particulares” e, portanto, sua criação pode ser concebida como uma “prática de invenção de si, com a qual os indivíduos se constituem e se reconhecem como sujeitos ao experienciarem a função de autoria” (p. 19). Ao materializarem uma intenção como resistência aos discursos ecoados pelas instituições e pelos meios de comunicação hegemônicos, os *zines* tornam-se um apelo pela sobrevivência de uma identidade que não quer ser apagada, ao passo que não desejam fazer parte de um público homogêneo e sem identidade própria.

Já as *ofizines* — oficinas de criação de *zines* — conformam um espaço coletivo voltado para a confecção manual de *zines* individuais e/ou grupais. Para isso, são elencados temas e desenvolvidas algumas técnicas artísticas — como colagem, intervenções manuais em fotografias, encadernação artesanal, entre outras possibilidades) — que podem ser utilizadas na produção dos *zines*. Na pesquisa em foco, foram concebidos como espaços coletivos de expressão e criatividade, nos quais mulheres em situação prisional puderam compartilhar histórias e vivências. Inspiradas nos “círculos de cultura” de Freire (1983), as *ofizines* seguiram uma estrutura dialógica, promovendo a participação ativa e a troca de conhecimentos. Em razão disso, as etapas, os temas abordados, a organização das oficinas e as demais decisões foram submetidas à discussão entre os envolvidos e, por conta disso, sujeitas às modificações.

A prática das *ofizines* descritas por Silva (2023) — ainda que aberta às alterações — foi organizada da seguinte maneira: 1) investigação do universo das educandas e levantamento de temas geradores; 2) apresentação do conceito de *fanzine*; 3) sensibilização para o exercício da escrita e provação para a construção de narrativas; 4) criação de *zines* individuais e coletivos como exercício de escrita e colagem; 5) debate sobre o processo de criação e compartilhamento dos

zines produzidos; 6) publicação dos *zines* em uma coluna digital do programa de extensão da UFSJ “Vertentes agência de notícias: educomunicação e jornalismo regional no Campo da Vertentes - MG” (Vertentes Agências de Notícias [VAN], 2023), sob a coordenação da orientadora da dissertação em tela neste artigo.

O que se compreendeu a partir da pesquisa apresentada é que esses espaços de afetos abertos pelos meios de comunicação — no caso o *zine* —, constituem fóruns nos quais o fazer educomunicativo pode ocorrer. A prática das oficinas de criação de *zines* apresentou indícios de que as técnicas e os métodos utilizados dialogam intimamente com a metodologia educomunicativa, tanto por fomentar um processo dialógico quanto por priorizar a criação e a circulação de novos discursos, que foram construídos durante o próprio processo comunicativo.

Atrelada às oficinas de *zines*, a educomunicação revelou-se como uma metodologia de pesquisa intervenciva capaz de promover reflexões e intervir sobre o contexto em que se está inserida. Ademais, mostrou-se eficaz na consolidação de um ecossistema comunicativo, ajudando a delinear e habitar o território de pesquisa. Já a produção dos *zines*, foi utilizada como estratégia para “colheita de dados” — no caso, foram colhidas diferentes perspectivas sobre a realidade prisional feminina brasileira, advindas diretamente das narrativas registradas por mulheres que vivenciam as contradições e as complexidades da privação de liberdade. Tais produtos — além de objetos de arte e comunicação — podem conduzir e orientar as mudanças no cenário prisional, considerando as vozes dos sujeitos diretamente afetados por essa estrutura.



Figura 1: Educandas produzindo zine coletivo na APAC Feminina de São João del-Rei

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022).



Figura 2: Reprodução de trecho do zine “O amor no cárcere”, de Nicole

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022).

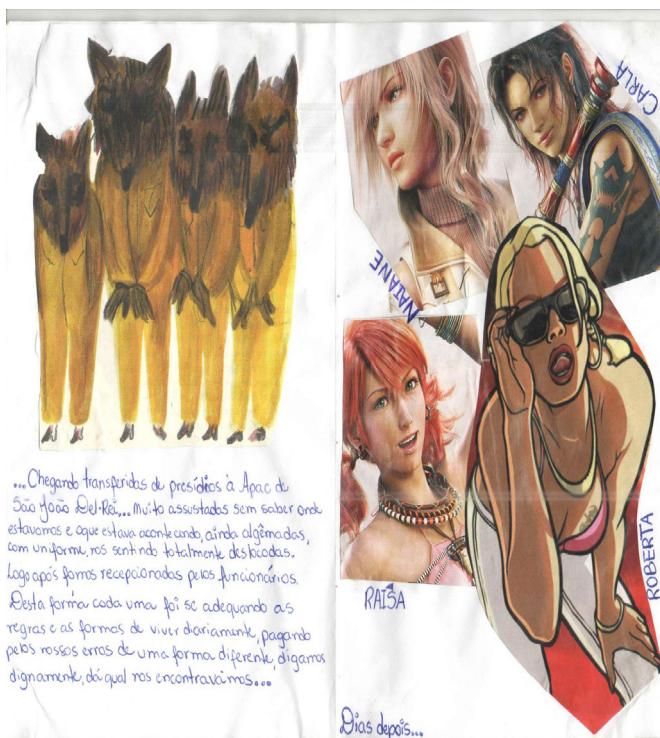


Figura 3: Reprodução do zine de Raisa, Naiane, Carla e Roberta

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022).

Assim, os *zines* — além de objetos de arte — configuraram-se como ferramentas metodológicas, possibilitando a “colheita” de narrativas que revelaram as contradições e os desafios do sistema prisional. Adicionalmente, a publicação dessas produções em colunas digitais ampliou o alcance das vozes das participantes, promovendo o diálogo com o público externo e reforçando a dimensão interventiva da pesquisa de Silva (2023). Além das contribuições acadêmicas, as *ofizines* apontaram para a importância da arte como ferramenta de mediação cultural e social com potencial, de forma a contribuir na discussão sobre políticas públicas de inclusão social. A criação de *zines* potencializou a autoestima das mulheres participantes, demonstrando que o fazer artístico é também uma prática política de resistência. Essas produções dialogam com questões mais amplas — como gênero, identidade e direitos humanos —, reforçando a relevância da interação entre o método da cartografia e a metodologia educomunicativa para ampliar a visibilidade dessas demandas. Percebe-se, dessa forma, a natureza interseccional das pesquisas interdisciplinares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O POTENCIAL DA EDUCOMUNICAÇÃO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

As *ofizines* aqui apresentadas demonstram como práticas dialógicas podem transformar contextos de exclusão em espaços de resistência e expressão. Também tiveram seu potencial de ação ampliado ao estabelecer — não de modo apenas intuitivo, mas igualmente racional — interfaces com a educomunicação, evidenciando que o fazer educomunicativo transcende o campo teórico ao promover a participação ativa, a autonomia e o diálogo como bases para a construção do conhecimento.

O estudo desenvolvido contribuiu para a compreensão da educomunicação como percurso metodológico e fortaleceu o pressuposto de que é a partir das relações entre os sujeitos no território habitado, que a produção de conhecimentos acontece e é ressignificada, considerando não apenas o fazer educomunicativo na prática proposta pela pesquisa, mas o próprio caminho trilhado pelo educador-pesquisador. A pesquisa analisada reafirma a importância de metodologias participativas e dialógicas na investigação acadêmica, como estratégia para superar o engessamento metodológico comum no universo das pesquisas acadêmicas disciplinares.

A relação estabelecida na interface educação-comunicação infere uma perspectiva teórico-metodológica que supera o viés tecnicista das estruturas tradicionais e fechadas do conhecimento, pois nos leva a um conjunto de categorias e ações no território de pesquisa que visam fortalecer um ecossistema comunicativo e garantir o exercício da liberdade de expressão das pessoas participantes. Dessa forma, enfatiza-se o reconhecimento do princípio metodológico da pesquisa como um fazer *com* e não apenas como um estudo *sobre* (Ingold,

2015), a partir de uma perspectiva construtivista do conhecimento. Tal movimento metodológico implica na participação e no envolvimento dos objetos de estudo educomunicativos, exigindo uma relação dialética entre participação e distanciamento (Citelli; Soares; Lopes, 2019), subjetivismo e objetivismo.

A integração entre a educomunicação e o método da cartografia demonstrou-se uma abordagem metodológica interseccional potente e inovadora. A habitação do território proposta pela cartografia reforça a postura, dialógica e dialética, exigida ao pesquisador-educomunicador. Tal postura nos permite analisar o processo, evidenciando o plano da experiência coletiva e, nesse plano processual — cultivado coletivamente — colher os dados, ou seja, conectar os afetos que lhe surpreendem dentro do território de análise, considerando as dinâmicas de funcionamento do próprio território. Por fim, a inter-relação da educomunicação com o método da cartografia contribuiu para destacar o potencial da educomunicação enquanto metodologia de pesquisa que permite estabelecer um processo investigativo e analítico mais dialógico, baseado na experiência e na diluição da hierarquia entre “pesquisador” e “objeto de pesquisa”.

Por sua vez, o método cartográfico potencializou o caráter processual e relacional da pesquisa, reforçando a ideia de que o conhecimento emerge das interações coletivas. Assim, a interrelação entre esses campos contribui para avanços teóricos e práticos na compreensão da educomunicação como metodologia de pesquisa. Ao valorizar as relações humanas, o diálogo e a criação coletiva, essa abordagem apresenta-se como uma alternativa robusta e transformadora para os desafios contemporâneos da investigação acadêmica e social.

Futuras investigações podem ampliar o uso de *zines* e outras práticas educomunicativas em diferentes contextos de vulnerabilidade, como também podem contribuir para que outros caminhos sejam trilhados — considerando o próprio processo da investigação acadêmica e a relação entre os participantes, o pesquisador e o território habitado —, ao invés de buscar enquadrar a pesquisa em um caminho pré-determinado. Assim, o diálogo entre o método da cartografia e a educomunicação poderá continuar produzindo avanços teóricos e práticos, reforçando a relevância dessas metodologias no campo das Ciências Humanas e Sociais.

Ademais, a reflexão promovida neste artigo busca contribuir para a consolidação da educomunicação como metodologia de pesquisa — visto que esta é uma área do conhecimento recente e, ainda, possui poucas investigações nesse sentido. O estudo apresentado neste artigo registra na Academia indícios de que a metodologia educomunicativa — aliada às outras metodologias (ou não) — pode contribuir com pesquisas do campo dos Direitos Humanos e correlatos para desenvolver e/ou fortalecer a elaboração de políticas públicas às pessoas aprisionadas ou sujeitas às outras vulnerabilidades sociais, de maneira a valorizar as experiências e perspectivas dos indivíduos diretamente envolvidos em processos dessa natureza.

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em: 14 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf Acesso em: 14 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INGOLD, Tim. Sobre levar os outros a sério. In: INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 7-19.

MACHADO, Sátira Pereira. Diversidade e Educomunicação: gênero e raça/etnia. In: MACHADO, Sátira; SOARES, Ismar de Oliveira; ROSANE, Rosa (org.). **Educomunicação e diversidade**: múltiplas abordagens. São Paulo: ABPEducom, 2016. p. 139-154. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002791764.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MACHADO, Sátira Pereira. Diversidade: uma área em expansão na Educomunicação. In: MACHADO, Sátira; SOARES, Ismar de Oliveira; ROSANE, Rosa (org.). **Educomunicação e diversidade**: múltiplas abordagens. São Paulo: ABPEducom, 2016. p. 7-13. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002791764.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). **Fanzines**: autoria, subjetividade e invenção. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. v. 1.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016. v. 2.

ROSA, Rosane. Educomunicação e a experiência democrática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu, PR: Intercom, 2014. p. 1-10. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2576-1.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ROSA, Rosane. Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da Educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo v. 25, n. 2, p. 20-30, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/172642>. Acesso em: 9 jan. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Taisa Maria Laviani da. **Ofizines entre muros**: uma prática educativa na APAC Feminina de São João del-Rei. 2023. 170 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Artes Urbanidades e Sustentabilidade) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2023. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pipaus/Dissertacoes%202023/Dissertacao%20Taisa.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2025.

SOARES, Donizete. **Educomunicação**: o que é isto?. São Paulo: GENS Instituto de Educação e Cultura, 2006. Disponível em: https://craspsicologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/08/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p. 16-25, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 14 jan. 2025.

TELES, Edilane Carvalho; SILVA, Elis Rejane Santana. A Educomunicação como percurso metodológico da pesquisa e ação formativa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, JUAZEIRO - BA, 20., 2018. **Anais** [...] Juazeiro, BA: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0869-1.pdf>. Acesso em: 14 jan 2025.

VERTENTES AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. Vida da gente: zines da APAC Feminina. Nov. 2023. Disponível em: <https://jornalismo.ufsj.edu.br/van/category/vida-da-gente/>. Acesso em: 17 nov. 2025.